

A População de Minas Gerais: Novas Pesquisas Sobre o Brasil Colonial

HERBERT S. KLEIN

Nos últimos quinze anos, a história demográfica no Brasil experimentou um crescimento da maior importância. Em grande medida sob a influência de Altiva Pilatti Balhana, em Curitiba, e Maria Luiza Marcílio, em São Paulo, desenvolveu-se uma escola inteiramente nova de historiadores mais jovens, bem treinados em pesquisa de arquivos e interessados nas principais questões do campo de estudos demográficos⁽¹⁾.

O autor é professor da Columbia University.

Este artigo foi publicado originalmente na **Latin American Population History Newsletter**, 4(1-2), 1984, New York University, sob o título "The population of Minas Gerais: new research on colonial Brazil". Tradução para o português de Laura Teixeira Motta e José Flávio Motta.

- (1) Entre os mais importantes estudos demográficos de Altiva Pilatti Balhana estão: *L'évolution démographique de Curitiba au XIX^e siècle*, *Actes du colloque d'histoire quantitative du Brésil de 1800 à 1930*, Paris, CNRS, 1973. p. 143-45; com L. Henry, *La population du Paraná depuis le XVIII^e siècle* *Population*, 1975. p.

Nessas pesquisas, as áreas mais estudadas têm sido as zonas de imigração do Paraná e as regiões fronteiriças de São Paulo, em fins do século dezoito e início do século dezanove. Para esse mesmo período, adicionou-se a essas regiões um importante novo grupo de comunidades no centro mineratório e agrícola de Minas Gerais.

157-86; e seu livro *Famílias coloniais – fecundidade e descendência*, Curitiba, Cavalcanti, 1977. A autora também contribuiu com a tradução para o português, em 1977, da mais recente versão do livro *Techniques*, de L. Henry. Maria Luiza Marcílio é mais conhecida pelo seu trabalho *La ville de São Paulo. Peuplement et population, 1750-1850*, Rouen, Université de Rouen, 1968 (edição portuguesa São Paulo, 1973); juntamente com um grande número de artigos técnicos em demografia sobre a história da população de São Paulo nos séculos dezoito e dezanove, a autora também publicou duas importantes coleções de artigos sobre história demográfica: *Demografia histórica*, São Paulo, Pioneira, 1977 e *População e Sociedade*, Petrópolis, Vozes, 1984; foi também editora-fundadora da extinta revista *Anais de História*, a qual, durante sua gestão, foi o principal veículo para artigos em história demográfica.

As pesquisas sobre essas cidades mineiras têm sido realizadas por Iraci Costa e Francisco Vidal Luna, do Instituto de Pesquisas Econômicas da Universidade de São Paulo. Seus primeiros trabalhos apareceram em fins da década de 1970, inicialmente sob a autoria do Professor Costa e posteriormente com a assistência do Professor Vidal Luna. As pesquisas envolveram análises detalhadas dos registros paroquiais e dos censos disponíveis para várias cidades mineratórias das Gerais, de 1719 a 1826. A cada sucessiva publicação, os autores adicionaram novos detalhes e, por fim, surgiu um quadro geral da região, o qual oferece agora importantes índices comparativos para o resto do Brasil.

O trabalho teve início com o minucioso estudo, realizado pelo Professor Costa, dos registros da paróquia de Antonio Dias, uma das duas paróquias que constituíam a cidade colonial mineira de Vila Rica (atual Ouro Preto), juntamente com uma análise preliminar do censo de 1804 para a cidade como um todo⁽²⁾. Esse estudo definiu grande parte do trabalho subsequente, na medida em que enfatizou o desenvolvimento de uma série de índices demográficos e sócio-econômicos que seriam utilizados pelos autores em estudos posteriores. Dessa forma, Costa determinou as taxas de natalidade, mortalidade e casamentos no tempo, sendo cada um desses eventos demográficos analisados desagregadamente segundo sexo, origem, cor, estado civil e condição social dos indivíduos inscritos nos registros. Foi-lhe possível fornecer essa riqueza de detalhes graças à sua coleção de todas as informações constantes dos registros paroquiais,

reunidas através de seu utilíssimo esquema de codificação⁽³⁾. Em virtude da alta incidência de migrações e da predominância dos ilegítimos no total dos nascimentos, Costa não pôde realizar um completo procedimento de reconstituição das famílias. Por essa razão, as características sociais e econômicas das populações são mais enfatizadas do que as estritamente demográficas, embora sejam feitos estudos muito proveitosos sobre mortalidade infantil, migração, sazonalidade e causas das mortes dos adultos. Dentre os temas sociais que mais interessarão aos estudiosos nesse primeiro livro estão os padrões de casamento entre grupos populacionais distintos, segundo a cor e a condição social — mostrando um nível relativamente importante de casamento entre escravos e forros (um quarto do total de casamentos a envolver escravos), a incidência extremamente elevada de filhos naturais e expostos (dois terços do total de nascimentos), e o surpreendente número de forros proprietários de escravos. Utilizando o censo de 1804 para a cidade de Vila Rica como um todo, o Professor Costa também analisa o tamanho e a estrutura das famílias, e apresenta uma interessante discussão sobre a distribuição ocupacional e sua relação com os diversos e complexos padrões familiares por ele descobertos. Conquanto realmente forneça uma detalhada análise a nível desagregado segundo idade, sexo, cor, classe e condição social para a população total da cidade em 1804, é uma pena que Costa não tenha utilizado de maneira sistemática tais dados sobre aquelas coortes populacionais, no sentido de interpretar os índices demográficos extraídos dos registros paroquiais do período precedente.

(2) COSTA, Iraci del Nero da. *Vila Rica: População (1719-1826)*, São Paulo, Instituto de Pesquisas Econômicas, Universidade de São Paulo, 1979. (Ensaio Econômico, 1). Muitos dos artigos do Professor Costa foram posteriormente incorporados nos seus livros e, portanto, não são citados separadamente. Para uma relação completa desses artigos, ver SAMARA, Eni de Mesquita & COSTA, Iraci del Nero da. *Demografia Histórica, bibliografia brasileira*, São Paulo, IPE/USP, 1984. p. 17-19.

Subseqüentemente, o Professor Costa voltou-se para uma análise mais completa do censo de 1804 para outras regiões de Minas Gerais. Encontrando outros oito cen-

(3) Para os detalhes sobre esse esquema de codificação, o qual é uma adaptação do modelo francês às condições do Brasil Colônia, ver COSTA, *Vila Rica op. cit.*, p. 205-11.

sos remanescentes para aquele período, além de um para 1790, conseguiu aprimorar seu estudo anterior com uma análise mais profunda da composição etária das populações locais e suas diversas estruturas sociais e econômicas. Foi-lhe possível, também, suplementar suas descobertas sobre estrutura familiar, mostrando novamente como era pequeno o número de grandes domicílios na região e o quão estreitamente eles estavam ligados a um estilo de vida próprio das classes superiores. Procurou também agrupar essas cidades de acordo com suas características econômicas e desenvolveu um esquema classificatório em quatro partes, dividindo as cidades entre centros essencialmente urbanos, zonas intermédias, comunidades rurais de autoconsumo e regiões mineradoras⁽⁴⁾. Ainda nesse novo trabalho, foram apresentados dados mais completos sobre a população escrava e a posse de escravos, temas que receberiam renovada ênfase em estudos posteriores.

Nesse ínterim, o Professor Vidal Luna escreveu seu estudo sobre as questões das características demográficas da população escrava mineira e das características sócio-econômicas da classe dos proprietários de escravos. Essa pesquisa realizou-se a partir do estudo de duas cidades, incluindo Vila Rica, através do censo de 1804, e de outras quatro comunidades no século dezoito. Os dados basearam-se em listas de registros de escravos e em censos populacionais locais⁽⁵⁾. As descobertas centrais desse primeiro estudo detalhado sobre o tema foram a

existência de um importante grupo de forros proprietários de escravos entre a classe dos senhores, bem como a ampla distribuição da posse de escravos pela população livre e o número muito baixo de escravos por proprietário. Igualmente ao encontrado por Costa para a cidade de Vila Rica, a análise de Vidal Luna, detalhada segundo a idade, sexo e origem da população escrava, mostrou a mesma predominância masculina em todas as idades, e a mesma influência acentuada de escravos nascidos na África em muitas das regiões.

Nesse ponto, Costa e Vidal Luna uniram-se para aperfeiçoar seus trabalhos anteriores em vários aspectos. Numa série de artigos conjuntos, alguns dos quais posteriormente publicados sob a forma de livro, reexaminaram com grande detalhe a natureza da posse de escravos. Descobriram que 15% dos proprietários eram forros, 79% pertenciam ao sexo masculino e em média possuíam pouco mais de quatro escravos por proprietário. Os únicos grupos ocupacionais a possuir maior número de escravos eram os mineradores (doze por proprietário) e agricultores (treze por proprietário); entretanto, em conjunto, esses dois grupos possuíam apenas 15% do total de escravos, segundo o censo de 1804. Ao reexaminarem origem, idade e sexo das populações escravas, novamente encontraram dois terços dos escravos sendo de origem africana ao fim do século dezoito, com os crioulos obtendo apenas uma ligeira predominância no censo de 1804⁽⁶⁾. Mais recentemente, o Professor Costa apresentou um pormenorizado reexame de sua análise "demo-econômica" para as dez comunidades estudadas em seu livro *Populações Mineiras*. Enfatizou a constatação generalizada da existência de uma força de trabalho escrava mais velha e predominantemente masculina (influenciada pelas recentes importações maciças de escravos africanos) e de uma popula-

(4) COSTA, Iraci del Nero da. **Populações Mineiras. Sobre a estrutura populacional de alguns núcleos mineiros no alvorecer do século XIX.** São Paulo, IPE/USP, 1981. (Ensaio Econômico, 7). Desses censos de 1804, apenas o de Vila Rica foi publicado: ver MATHIAS, Herculano Gomes. **Um recenseamento na Capitania de Minas Gerais (Vila Rica-1804)**, Rio de Janeiro, Arquivo Nacional, 1969.

(5) LUNA, Francisco Vidal. **Minas Gerais: Escravos e Senhores. Análise da estrutura populacional e econômica de alguns centros mineratórios (1718-1804).** São Paulo, IPE/USP, 1981. (Ensaio Econômico, 8).

(6) LUNA, Francisco Vidal & COSTA, Iraci del Nero da. **Minas Colonial: Economia e Sociedade**, São Paulo, FIPE/Pioneira, 1982.

ção livre mais jovem e de maioria feminina, mostrando uma vez mais um clássico padrão de movimentos migratórios dos mineiros, o qual persistiria nas décadas seguintes. Também é apontada a qualidade distintiva das zonas mineratórias, as quais, comparadas a outras comunidades da província, possuíam maior número de domicílios com proprietários de escravos (63% dos domicílios, *versus* um total regional pouco acima de 40%); detinham mais escravos por proprietário (10,7 *versus* o total regional de 4) e apresentavam uma família cujo tamanho médio era bem superior (9,1 *versus* 4,9 pessoas por domicílio)⁽⁷⁾. Sua esmerada construção de um modelo de estrutura familiar e domiciliar é mais completamente elaborada neste trabalho e a mesma surpreendente conclusão emerge com evidência ainda maior: não mais do que 10% dos domicílios poderiam ser considerados como as clássicas grandes famílias patriarcais tão caras à literatura tradicional⁽⁸⁾.

Dessa forma, em um período de tempo relativamente curto, uma enorme quantidade de informações tornou-se disponível aos estudiosos da história demográfica brasileira, graças à cuidadosa pesquisa de arquivo realizada pelo Professor Costa e seus associados. Presentemente, quase todos os censos remanescentes da época pré-imperial em Minas, bem como parte dos registros paroquiais já foram examinados e preservados

para nós na forma tabular⁽⁹⁾. Também possuímos, agora, para esses importantes centros mineratórios, agrícolas e urbanos de Minas Gerais, excelente material sobre a estrutura e o tamanho das famílias, as extraordinariamente altas taxas de ilegitimidade (presentes entre todas as idades e classes da população), as características demográficas da população escrava predominantemente africana, e um dos melhores estudos sobre padrões de posse de escravos para qualquer região americana.

Isso posto, acredito ser válido apontar a existência de alguns problemas, relativos à análise que esses autores procuraram realizar a partir de suas admiráveis reconstruções. Em face da pobreza da qualidade dos dados econômicos atualmente disponíveis para Minas, suas tentativas de correlacionar transformações vitais com desenvolvimentos econômicos parecem um tanto prematuras nesse estágio de suas pesquisas. O muito utilizado sistema de classificação "demo-econômica" nunca é totalmente esclarecido, e suas constatações a nível setorial a respeito das ocupações suscitam algumas sérias questões quanto à natureza representativa de seus dados⁽¹⁰⁾. Adicionalmente, algumas de suas descobertas acerca da contínua importação maciça de escravos africanos para a região, bem como do êxo-

(7) Esses números são, basicamente, para as três principais cidades estudadas: Vila Rica, Passagem e Mariana, em 1804, com uma população total de 11.010 habitantes. A média para o número de escravos provém de uma nova análise de oito cidades em 1804, para 5.296 escravos e 1.248 proprietários. Ver COSTA, Iraci del Nero da. Nota sobre o ciclo de vida e posse de escravos. *História: Questões e Debates*, Curitiba, 4(6): 126 jan. 1983.

(8) COSTA, Iraci del Nero da. *Minas Gerais: Estruturas Populacionais Típicas*, São Paulo, EDEC, 1982. Essa é a constatação geral que vem emergindo em todos os recentes estudos regionais sobre a família no Brasil; ver SAMARA, Eni de Mesquita. *A família brasileira*, São Paulo, Brasiliense, 1983.

(9) Recentemente, uma equipe em Belo Horizonte começou a trabalhar em um recém-descoberto grupo de censos de 1831. Para uma excelente análise preliminar desses censos, ver PAIVA, Clotilde A. Mariana: características da população em 1831, trabalho apresentado no 4.º Encontro Nacional, Associação Brasileira de Estudos Populacionais, Águas de São Pedro, out. 1984.

(10) Das 5.696 pessoas relacionadas como economicamente ativas nas três grandes cidades recenseadas em 1804, somente 2.242 possuíam ocupação definida, e apenas 6% destas foram classificadas como pertencendo ao setor primário. Certamente os 69% da população economicamente ativa não relacionados com ocupação eram trabalhadores não-qualificados, ocupados no setor primário. Para esses dados, ver COSTA, *Minas Gerais*, apêndice, tabelas 6 e 12.